


Revisista ADVENTISTA

AGOSTO - 1998

A pair of hands, one with a visible injury, reaching out from a wooden structure. The hands are positioned in the center of the cover, with the fingers spread. The background is a dark, textured wooden surface, possibly a door or a window frame. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the wood and the skin of the hands.

Quem é o
Prisioneiro,
e Quem é
o Juiz?

A Doutrina do
Sábado no Limiar
do Terceiro
Milénio



Os Acendedores de Candeias

...Aos que levam o Seu Nome como se fosse uma candeia.

Quando o orvalho do Hermon desce sobre os montes de Sião, os campos de Éfrata e os planaltos de Jaar exultam de alegria. Sobre o seu dorso lavram os agricultores e abrem largos sulcos. O trigo nasce. Surge a espiga e o pão anunciado enche todos os regaços. E perguntam às sentinelas:

“Sentinela, que tempo é da noite?”

E a sentinela responde: “A manhã chega e a noite também. Estai preparados.”

Chegavam então os profetas que percorriam os montes a anunciar a paz.

Tinham o alforge vazio e o coração possuído pela Palavra. Entravam em silêncio nas cidades e a aurora despontava da candeia que traziam acesa, junto ao peito. As sentinelas perguntaram-lhes:

“Qual é o vosso anúncio?”

“O deserto será atravessado por um caminho”, disseram.

“Qual a vossa missão?”

“Acender todas as candeias.”

“E mais?”, insistiram as sentinelas. “Ninguém vive de acender candeias e elas também se apagam.”

“Estas candeias não se apagam”, explicaram os profetas.

“Candeias que não se apagam, caminhos no deserto... De que vos serve tudo isso se o trigo nasce, surge a espiga e o pão enche todos os regaços?”

“Há outro pão que vós não sabeis. Dele só conheceis a fome e a sede. Recebi a promessa de que ele não tarda.

“Qual é a promessa?” quiseram saber as sentinelas.

“Os cegos vem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa-Nova é anunciada aos pobres.”

“E para nós sentinelas, qual é a Palavra?”

“Se o Senhor não guardar a cidade em vão vigiam as sentinelas”, responderam os profetas.

“Dizei-nos como é que podemos saber que tudo isso é verdade?”

“Porque não pode ser de outra forma”, disseram.

“Então entrai e acendei as nossas candeias”, pediram todas as sentinelas.

Quando o orvalho do Hermon desce sobre os montes de Sião, os campos de Éfrata e os planaltos de Jaar brilham no deserto como uma candeia...

João Mendonça



Prezados irmãos:

Gostaria apenas de referir a melhoria notada nos últimos números da Revista Adventista, quer a nível gráfico, quer de conteúdo, apesar de achar que é uma pena não conter mais informação sobre a Igreja a nível nacional. Tem muito poucas notícias (isso foi falha sempre notada na R.A. há muitos anos a esta parte!) e penso que isso poderia ser resolvido se a Redacção envolvesse os “relações públicas” das mais de 100 igrejas e grupos espalhados de norte a sul, ilhas e comunidades portuguesas no mundo. ... Para toda a equipa da R.A. os meus votos de ricas bênçãos de Deus e cordiais saudações cristãs.

Celestino Carvalho
Secretário de Relações Públicas da Igreja de Serpins (Lousã)

Também lamentamos, aliás como já referimos num dos últimos números da Revista, as poucas notícias. Mas não podemos adivinhá-las, nem inventá-las. Neste momento a Redacção da Revista não tem, uma só que seja, por publicar. Pelo contrário. Aguardamos que elas nos cheguem, porque nada existe em “carteira”. Como o irmão diz, se os secretários do departamento de Relações Públicas das igrejas fossem enviando regularmente notícias das actividades levadas a efeito nas suas igrejas, o nosso problema seria o inverso: criar mais espaço para as publicarmos. Esperamos que esse dia chegue.

Agradecemos também o envio do Boletim Informativo da vossa Igreja, Serpins, e congratulamo-nos com o facto de ele ser distribuído pelos órgãos de comunicação social locais - jornais e rádio, assim como com o facto de eles publicarem essas notícias referentes à nossa Igreja, o que nem sempre sucede. Que Deus vos conserve essa abertura.

Por último os nossos agradecimentos pelos votos de bênçãos de Deus para esta equipa.
A Redacção

Para começar, quero dar os parabéns pela Revista Adventista estar cada vez melhor. Os artigos são muito bonitos e bem ilustrados. Mas tenho uma crítica a fazer: porque é que tem de ter o “cantinho da criança”, se já há o “Nosso Amiguinho” com passatempos e histórias para elas? Porque não fazer uma ou duas páginas para os jovens, tão interessantes como as da Revista Adventista do Brasil?

Amanda M. Ferreira

Agradecemos as palavras amáveis. Quanto à crítica feita (a que chamaríamos mais observação ou sugestão), queremos apenas dizer que a revista “Nosso Amiguinho” se destinatambém a um público mais geral, fora da Igreja, o que nem sempre permite apresentar os temas religiosos de uma forma aberta. E infelizmente, também não são muitos os membros da Igreja que assinam a revista e a colocam na mão dos seus filhos. Agora quanto à página para os jovens, agradecemos a ideia e vamos pensar seriamente na possibilidade de alargar, a essa área, os temas da nossa Revista.

A Redacção

ÍNDICE

5 Julgamentos Humanos Versus Julgamento Divino

Jesus, a revelação suprema de Deus, manifesta-Se aos homens e apenas alguns O aceitam.

6 Quem é Prisioneiro, Quem é Juiz?

O julgamento de Jesus é muito mais do que aquilo que se vê.

11 A Doutrina do Sábado no Limiar do Terceiro Milénio

“O tempo que vivemos pede vigilância contínua e os ministros devem apresentar a luz sobre a questão do Sábado...”

22 Pregar a Cristo

“Que assunto pode ter mais sentido e importância além de Cristo?”

25 Jóias – Um Estilo de Vida Adventista, ou Também Bíblico?

Porqu manda e Deus retirar as jóias?

31 Encantamento Moderno

Quanto tempo perdido em volta desses assuntos, em vez de do sacrifício de Jesus!

Revista ADVENTISTA

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A *Revista Adventista* (ISSN 0873-9005), Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora Atlântico, S.A.

Director: Mário Brito

Coordenador Editorial: Eduardo Graça

Chefe de Redacção: Maria Augusta Lopes

Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira, Ezequiel Quintino e Maria Antónia Fonseca Santos.

Programação Visual: Eunice Ferreira

Diagramação: Raquel Monteiro

Ilustradoras: Eunice Ferreira, Marta Rodrigues, Sara Raposo e Ruth Varela

Colaboradores Especiais: José C. Costa, José Eduardo Teixeira, Paulo Mendes, Rogério Nóbrega.

São bem-vindos todos os manuscritos mesmo os não solicitados e cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso.

E-mail: Internet: patlantico@mail.telepac.pt, Compuserve 74532,2443.

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.
Sede: R. N.º S.º da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626201
Conselho de Administração:
Mário Brito, José Eduardo Teixeira e Paulo Mendes
Director: Joaquim Sabino

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Faturação e Alteração de Moradas)
Responsável: Maria Rosa Silva Santos
R. N.º S.º da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202
Expedição e Armazém:
R. N.º S.º da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Fotolito: Departamento Criativo da Publicadora Atlântico
Impressão e Acabamento: Santos & Costa, Lda
Pedreiras - 2480 Porto de Mós
Tiragem: 2.000 exemplares
Depósito Legal N.º 1834/83
Preços:
Assinatura Anual 1 600\$00
Número Avulso 160\$00

ANO LVIII — N.º 615

AGOSTO 1998



IGREJA
ADVENTISTA
DO
SÉTIMO DIA



OPERAÇÃO INTERCESSÃO
- 3.º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Franco-Belga
População: 68.743.000
Igrejas: 139
Membros: 11.028
3. Pela Universidade Adventista do Salève

DIAS E OFERTAS ESPECIAIS DO MÊS DE SETEMBRO

Dia do Pregador Leigo	05
Dia da Promoção da Bíblia - <i>Oferta para a Sociedade Bíblica</i>	12
Semana da Extensão Missionária	19 a 25
Semana de Oração e Sacrifício	26/9 a 3/10

Actividades do Departamento de Jovens no Mês de Setembro

12-16 – Conselho da Divisão Euro-Africana – Lisboa – Departamentais da Juventude da Divisão e das Uniões

18-21 – Atelier Nacional de Evangelização Jovem – para Directores de Jovens das Igrejas – Oportunamente informaremos onde se realizará – Importante: Cada Igreja deverá fazer planos para ter o seu representante máximo da juventude nesta actividade, que terá a ver com as acções que serão levadas a efeito no ano de 1998-99 e que culminarão com o Congresso Internacional JA a realizar em Lisboa.

25-27 – Congresso Regional das Ilhas – Funchal – Não se realizará devido à impossibilidade do convidado estar presente. Pedimos as vossas orações pelo Pr. José Figols.

Importante e urgente:

Como o próximo ano de 98-99 estará voltado especialmente para os jovens dos 16 aos 30 anos, com várias acções excepcionais: Atelier Nacional de Evangelização Jovem, Campanha de Evangelização Jovem e Congresso Internacional JA:

1. O Departamento JA da União reduzirá as actividades dirigidas aos Tições e Desbravadores em 98-99. A eles será especialmente consagrado o ano 2000, com um Grande Camporee que terá a presença do líder mundial.
2. O Departamento JA da União reduzirá o volume de actividades gerais, a fim de dar oportunidade aos jovens de se prepararem financeiramente para essa actividade excepcional e que requererá deles um esforço especial. Este investimento deve iniciar-se já em Setembro por parte de cada jovem e de cada Igreja. A União também fará tudo o que puder para apoiar a Juventude Adventista Portuguesa.

Assim, recomendamos que cada Igreja estabeleça também planos no sentido de apoiar o esforço pessoal de cada um dos seus jovens, o esforço das Uniões e da Divisão Euro-Africana. Para tal, pedimos que reduzam as actividades que envolvam dispêndio financeiro e que concentrem as suas acções na evangelização jovem local e nos Clubes locais.

Tudo isto visa a concretização de um sonho tido por mais de 15 países:

1. Fazer deste Congresso uma ocasião especial – de passagem de milénio e de evangelização jovem. Que o Senhor venha em breve!
2. Ter presente num Congresso de Divisão Euro-Africana o maior número de jovens possível (mais de 5000) e poder realizar a maior e a mais simbólica cerimónia baptismal de sempre (mais de 144 baptizados). Que este seja o sinal da esperança que temos!
3. Assim, desejaríamos, a nível de Portugal, poder contar com 1.500 jovens inscritos (inscrição completa) e mais de 100 candidatos a este baptismo especial. Maranata, o Senhor Vem!

Programa a *Fé dos Homens* durante o mês de Agosto

Na RTP2 dias 10 e 31 às 18 horas

Julgamentos Humanos Versus Julgamento Divino

O apóstolo João começa o seu evangelho expressando a sua admiração pelo que foi, sem dúvida, o maior e mais extraordinário acontecimento de todos os tempos: “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). N’Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não o compreenderam. Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não O conheceu” (João 1:4,5,9,10).

Jesus, a revelação suprema de Deus, manifesta-Se aos homens e apenas alguns O aceitam. Por outras palavras, a verdade materializa-se e a grande maioria dos homens a rejeita não se identificando com ela. Porém, “a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus” (João 1:12).

A nossa postura face à revelação da “luz verdadeira” tem implicações de consequências eternas. De uma forma ou de outra, todos somos confrontados com a verdade. A resposta a esta revelação constitui-se no nosso próprio julgamento. Somos julgados pela Verdade. Aceitá-la, significa a libertação da escravidão do pecado (João 8:32,34). Rejeitá-la, significa trazer a condenação sobre nós próprios (João 8:24).

O julgamento público de Jesus, quer pelo poder de Roma – representado por Pilatos – quer pelas autoridades judaicas – representadas por Caifás – é o climax da rejeição da verdade, encarnada na Sua pessoa.

A condenação de Jesus pelo governador da Judeia, Pôncio Pilatos, que de uma forma clara e explícita disse achá-l’O inocente, mostra até que ponto a justiça de Roma se achava subordinada a outros interesses que não a verdade. Ao entregar Jesus para ser morto como um criminoso, Pilatos estava a rejeitar a verdade manifestada na pessoa de Jesus, em favor dos seus próprios interesses. Tinha receio de que os dirigentes judaicos pudessem minar a sua credibilidade política junto de César. Por outro lado, ele sabia que para o poder central romano pouco contava a vida de um galileu, desde que houvesse paz na sua jurisdição.

As consequências da rejeição da verdade por Pilatos não se fizeram esperar. A partir desse dia, o desassossego de uma consciência culpada passou a dominar o governador romano que, não tardou muito, foi deposto e acabou por pôr termo à sua própria vida.

Os líderes judaicos, que odiavam o poder romano, para conseguirem a condenação de Jesus – a verdade incarnada a quem eles estavam a rejeitar – dizem que não têm outro rei senão a César. Ao rejeitar Jesus como o seu Rei e Libertador estavam a colocar-se debaixo do pesadíssimo jugo romano que acabaria por destruir Jerusalém no ano 70 A.D. e por dar o golpe final nas suas esperanças de autonomia, ao sufocar a revolta de Bar Kosheba em 135 A.D.. Seguiram-se as deportações e as perseguições que todos bem conhecemos.

O próprio poder romano não deixou de colher as consequências da sua rejeição. Porque a verdade não era a pedra basilar do seu governo, este, cada vez se tornava mais corrupto. Quanto mais se corrompia, mais vulnerável se tornava aos seus inimigos. Povos que antes tinham sido completamente dominados, ressurgiam agora dos quatro cantos do Império, com vigor renovado, ameaçando seriamente o seu domínio. Cada vez mais débil e incapaz de sustentar as arremetidas dos diferentes povos que invadiam o seu território, o Império acabou por se desarticular e ceder o seu lugar a outras nações. “A justiça (a verdade) exalta as nações, mas o pecado (a rejeição da verdade) é o opróbrio dos povos”. (Prov. 14:34).

Pilatos e Caifás, representando o governo de Roma e a liderança judaica respectivamente, ao pretenderem julgar a personificação da verdade condenaram-se a si próprios. Ninguém pode julgar a verdade. A verdade é quem nos julga. Aceitá-la é ter a vida. Rejeitá-la é ser condenado. Jesus – o Caminho, a Verdade e a Vida – é a pedra de esquina que os edificadores rejeitaram; eleita e preciosa para os que crêem, pedra de tropeço e de escândalo para os que desobedecem.

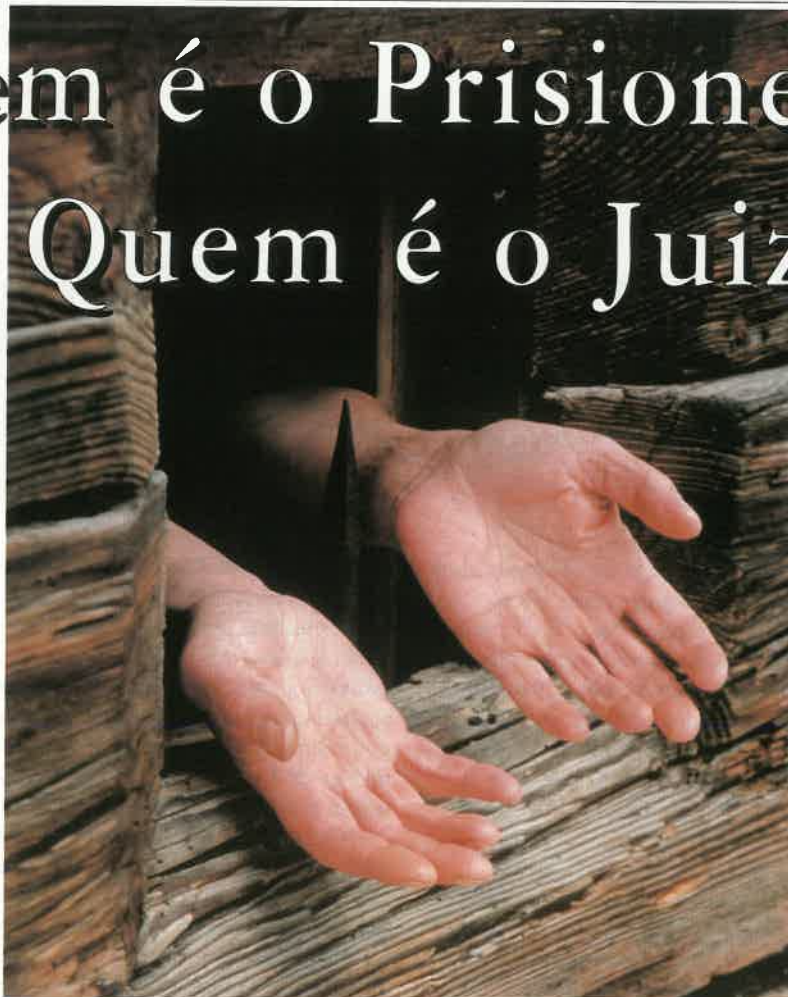
Que o Senhor nos ajude a compreender claramente que aceitar Jesus é ter vida, rejeitá-l’O é escolher a condenação.



*Pr. Mário Brito
Presidente da União
Portuguesa dos
Adventistas do
Sétimo Dia*

Mário Brito

Quem é o Prisioneiro, e Quem é o Juiz ?



O julgamento de Jesus é muito mais do que aquilo que se vê.

Temos que admitir que é uma sala de audiência fora do vulgar, a céu aberto e sobre as grandes lajes do pavimento iluminado pelos raios dourados do Sol nascente. Pardais e pombos vão e vêm, perturbados por coisas que não vemos. Crianças agarrando com força as mãos dos pais olham, com uma enorme tristeza, para o que se passa.

Seria de esperar que algo tão importante como um julgamento, especialmente envolvendo a possibilidade de a pena de morte, ocorresse num lugar fechado, numa sala ricamente decorada, revestida com madeiras raras, com vedações, portas, tribunas e bandeiras. Esperávamos ver alguém, sem demonstrar nenhum sentimento, a tomar notas de tudo o que se diz. Esperávamos, eventualmente, ver algures um júri, de olhar vago, ouvindo testemunhos. Ali ao lado também deveriam as testemunhas jurar dizer a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade.

Mas aqui, nada disso acontece. Os soldados estão ali, alerta, parece que esperando um distúrbio que lhes desse uma desculpa para usar os seus bastões. Homens religiosos e gente importante gritam e vociferam como loucos num enorme frenesim, quando lhes parece que o caso não corre ao seu gosto.

Não há dúvida de que estamos numa sala de audiências fora do vulgar.

Mas nem tudo é inesperado. Pois mesmo aqui – ao ar livre, sobre as lajes do pátio da fortaleza Antónia – ainda assim temos um réu e um juiz. Ainda temos Um que é acusado, e outro que aplica justiça. Um que é julgado pela Sua vida, e outro que detém nas suas mãos o poder de vida ou morte.

A questão é – quem é o quê? Quem é o prisioneiro e quem é o juiz? Quem é o acusado, e quem é que decide? Cuidado, porque a resposta a estas perguntas pode ser mais complicada do que parece. Vale a pena analisar, com cuidado e atenção, este caso.

Bom, dir-se-á que parece claro quem é o prisioneiro e quem é o juiz. O prisioneiro é, evidentemente, Aquele ali sem a camisa, o que tem as mãos amarradas atrás das costas; é Ele que tem sangue a correr da boca, que tem o olho inchado e negro; é Ele que tem as costas todas retalhadas; é Ele que tem aquela coroa pateta enfiada na cabeça até às orelhas – uma coroa que parece um chapéu feito pelas crianças para brincarem, excepto pelo facto de ser feita de espinhos; é Aquele cujo olho são está, ainda assim, a observar todos os detalhes deste julgamento.

E aquele ali? Esse tem de ser o juiz. Barbeado, toga engomada, imaculadamente limpa, no meio de um mar de gente com os rostos marcados pela noite em claro e com as mãos sujas. Ele tem aspecto de juiz, sem dúvida – um queixo notável, rosto belo, com uma aura que nos diz que está habituado a ocupar posições de liderança. Anda com uma confiança de quem sabe que o mundo se inclina perante os seus desejos.

Um olhar seu e o centurião estremece. Um gesto da sua mão e os servos acorrem com almofadas para as costas que feriu numa distante aventura militar. É um homem sério. Tem no seu dedo o anel que lhe foi dado pelo próprio Tibério César. Aqui neste canto longínquo do Império, aqui entre sacerdotes traiçoeiros e revolucionários extremistas, parece uma ilha de civilização e cultura. Não se conseguem togas tão brancas e tão bem engomadas nas lavandarias de Jerusalém.

Então parece fora de propósito a questão de quem é o prisioneiro e quem é o juiz! Poderá haver alguma dúvida?

Aquele ali, o que sangra, o que está meio despido, é o prisioneiro. Não há dúvida.

O rumor que corre é que Ele é um ex-carpinteiro da Galileia que se tornou pregador. Ultimamente tem criado grande agitação na Judeia, dando, a cada passo, origem a novos rumores. Alguns afirmam que Ele tem

poderes miraculosos; que cegos vêem e coxos saltam quando lhes toca. Leprosos insistem que os curou da sua doença. E, embora de má vontade, os sacerdotes reconhecem que a doença parece ter desaparecido. Milhares dizem ter sido alimentados por Ele com o pão e o peixe do almoço de um rapazito.

Um rumor ainda mais incrível é o de que Ele ressuscitou mortos: uma menina no Norte, um rapaz da vila de Naim, e um amigo, Lázaro, apenas a três quilómetros dali, em Betânia. Ele realmente não parece condizer nada com o que se conta a Seu respeito, pelo menos agora, depois de ter sido chicoteado e agredido, curvado sob o

peso de algo monstruoso que parece esmagá-l'O contra o pavimento. Não importa o que diziam que Ele era, não importa as histórias que se criaram para dar a este rústico Carpinteiro uma reputação mística. Ele não passa de um simples prisioneiro, ferido e cansado.

O outro, o que está ali, é sem dúvida o juiz. É o Governador da Judeia – ou melhor, o Governador da província da Judeia. Vive num palácio ensolarado junto ao mar em Cesareia, e não esconde o facto de que detesta estas viagens a Jerusalém, cada seis meses, para decidir sobre estes casos capitais. Aqui uma

crucificação, ali trabalhos forçados nas minas, para outro uma sentença de dez anos nas galés – ele distribui sentenças como o rabi da região distribui bênçãos na sinagoga depois do serviço de Sábado.

Parece ter um prazer especial na crueldade que exerce, como se tivesse um dom negro de escolher o castigo que melhor servirá de tortura àqueles a quem condena. Manda os indomáveis revolucionários para a morte estática e agonizante sobre a cruz, que pode demorar seis dias. Manda os poetas e os sonhadores, para o fundo das minas, debaixo da terra, onde nunca mais ouvirão a canção de um pássaro, onde nunca mais sentirão o brincar do vento.

*Então parece fora
de propósito a
questão de quem
é o prisioneiro e
quem é o juiz!
Poderá haver
alguma dúvida?*

Pega no pai de família, e manda-o meio caminho à volta do mundo, sob o chicote, numa galé carregada de vinho e couro. Ele sabe o que poucos sabem – sabe como destruir o espírito de um homem e reduzir o seu respeito próprio a nada, ou quase nada. Aquele ali, é o juiz. Não há dúvida.

Jesus, é como chamam ao Prisioneiro. Jesus de Nazaré – um homem de maneiras brandas, como se o mundo não pudesse ser melhor. Mas baseado em histórias que ouvimos, o mundo nunca será suficientemente bom para Ele. Que coisas impossíveis espera de nós! – que ofereçamos a outra face, que percorramos uma segunda milha, que abençoemos os que nos amaldiçoam e oremos pelos nossos inimigos. Não se pode dizer que, com estas ideias, seja um homem dos Seus

tempos. Porque estes são tudo menos suaves e pacíficos.

Os zelotas infestam os caminhos ínvios, cortando os pescoços e roubando armas.

Os cobradores de impostos enxameiam sobre a população, fazendo chantagem com as pessoas humildes, fazendo-os pagar quantias exorbitantes. Os soldados levam tudo o que querem – em mulheres, em vinho, em terras, em luxúria – e a ira sentida pelo povo desencadeia novo ciclo de violência.



E Ele, este carpinteiro da Galiléia, este sonhador idealista, persiste com as Suas ideias, com risco de ser condenado à morte. Algures, no meio da população, vêem-se os Seus seguidores, meio escondidos atrás das mãos e dos turbantes caídos sobre as caras.

O que será deles quando Ele for levado e O crucificarem (como de certo será)? Todo este entusiasmo popular diminuirá? Irão os pescadores voltar a limpar as redes e os carpinteiros a trabalhar as madeiras? As donas de casa abandonarão estas estranhas ideias de salvação e voltarão

a coser as roupas? Voltarão as crianças a brincar com os arcos e a jogar às escondidas e deixarão de clamar “histórias por favor - conta-me mais histórias”?

Pôncio Pilatos, como lhe chamam, é governador da província da Judeia. Certamente um homem ambicioso, não particularmente nobre de nascimento, mas útil aos seus superiores. Sabe como torná-los seus devedores, como prestar-lhes pequenos favores, e que os deixa bem vistos perante o Imperador, mas também como encontrar os mais finos mármore para a construção das suas casas de campo.

E eles tinham-no recompensado generosamente.

Tinham dito bem dele ao próprio Imperador Tibério. E

um dia, maravilha das maravilhas, quando acordou leu uma proclamação imperial que lhe dava autoridade absoluta na Judeia, este obscuro canto do Império. Não era uma questão de ingratidão. Não. Não é bem isso. Mas se fosse ele próprio a escolher, teria preferido alguma coisa mais perto de Roma – algum lugar onde a cultura fosse avançada, onde os atletas se divertissem com o desporto e os homens a as mulheres se divertissem com o amor.

Mas paciência.

Teria de começar por qualquer lado. E se conseguisse resolver a situação de uma terra agitada, como era a Judeia, esse era o tipo de coisa que serviria para atrair a atenção de um Imperador grato. Que tinha aquele Carpinteiro dito no fim de uma das Suas histórias? “*Sobre o pouco fostes fiel, sobre o muito te colocarei.*” Aqui estava uma máxima que Pilatos podia perfeitamente adoptar.

Prisioneiro e juiz. Dois papéis perfeitamente equilibrados. Dois papéis que só têm sentido um perante o outro.

Sem um juiz, um prisioneiro seria unicamente um cativo esperando alguma coisa, mas não certamente justiça. Sem um prisioneiro o juiz seria um homem sem uma função, um símbolo inútil do Estado. Temos agora a certeza de saber quem é quem? Temos a certeza de não ter sido enganados?

As histórias dizem que o Carpinteiro se chama a Si mesmo Rei, mas não no sentido usual da palavra. “*O Meu Reino não é deste mundo*” diz Ele. “*Se o Meu reino fosse deste mundo, os Meus seguidores lutariam para evitar que Eu fosse entregue aos judeus*” (João 18:36). Uma afirmação lógica que ninguém pode contradizer, pois quem ousaria construir um reino

apoiando-se nas pessoas fracas e vacilantes que a si mesmos se chamam Seus seguidores? É certo que havia no grupo um mais afoito que brandiu uma espada e havia outro que se julgava competente a lidar com o dinheiro, mas não eram certamente o tipo de homens com os quais contar para formar um governo. O Seu Reino, se é que ele existe, terá de ser num lugar diferente.

Ele chama a si mesmo coisas estranhas e fá-lo com uma tranquila confiança que enerva todos os Seus opositores. “*Eu sou o Caminho*” diz Ele “*Eu sou a verdade, a vida*”. “*Eu sou o Bom Pastor*”, declara “*Eu sou a água viva*”, “*Eu sou o pão do Céu*”, “*Eu sou a luz de todo o mundo*”. Estes não são títulos humildes, qualquer que seja o seu significado. Ele pensa claramente que é mais do que um simples ex-carpinteiro vindo do Norte.

Ele ousa chamar Seu Pai ao Deus do Céu – e não apenas Seu Pai, mas até “Papá” – como sinal da maior intimidade entre os dois. Chama-se a Si mesmo o Filho de

Deus e afirma frequentemente ser o Escolhido de Deus. As afirmações que faz acerca de Si mesmo, são absolutamente espantosas – pois quem, a não ser um louco (ou o próprio Filho de Deus) poderia declarar ser o Filho de Deus?

E aqui talvez valha a pena voltar a observar Pilatos. A liberdade que vemos nele pode não ser bem o que parece. É bem verdade que ele detém o poder de vida e de morte – dentro de um ou dois minutos ele terá mandado este Carpinteiro para o exterior das muralhas a fim de sofrer a mais horrível das mortes. Mas será Pilatos um juiz, ou um prisioneiro? É ele um homem de acção independente, ou

estará ele cativo dos interesses particulares, dos pequenos grupos de pressão, das pessoas em postos elevados que conhecem todos os podres da sua vida, e que sabem como fazer calar para sempre aqueles que se tornam importunos ou “independentes”?

Sabemos a maneira habilidosa como os sacerdotes o manobram aqui no tribunal, onde ele deve em princípio ser a única autoridade. Dizem-lhe o que deve fazer. E ele queixa-se de que esta não é a sua jurisdição. Prepara-se para soltar o

Prisioneiro mas recua quando lhe pedem sangue. Oferece-lhes uma escolha entre esse Jesus e um desprezível assassino, e de tal maneira conseguem pô-lo entre a espada e a parede que ele acaba por soltar o criminoso. Manda chicotear o Prisioneiro, na esperança de incutir alguma piedade naqueles corações empedernidos, mas toda a sua estratégia se volta contra si mesmo.

Declara não encontrar nenhuma culpa em Jesus, mas eles não querem aceitar esse veredicto. Diz ser amigo de



César, mas basta-lhes ameaçá-lo com uma queixa a Tibério, e ele imediatamente perde toda a sua firmeza.

O Carpinteiro que aqui está, se for Quem diz ser, chegará o dia em que todas as pessoas virão comparecer diante d'Ele para serem julgadas. Pessoas humildes, como Ele, virão e estenderão as mãos calejadas reclamando a Sua justiça e equidade. As crianças – agredidas, maltratadas, deixadas a passar fome – clamarão Àquele que disse que *“qualquer que escandalizar um destes pequeninos que crêem em Mim, melhor lhes fora que se lhes pendurasse ao pescoço uma mó de azenha e se submergisse na profundidade do mar”*

(Mat. 18:6). Mulheres, relegadas para um estatuto de segunda classe pedir-Lhe-ão que lhes restitua a igualdade para a qual Ele as criou, o que Ele fará alegremente. Velhos, com a vista diminuída, mas não a esperança, suplicar-Lhe-ão que lhes seja restituída a dignidade. Refugiados voltar-se-ão para Ele e Ele lhes dará um lar e uma pátria. Mártires, fiéis até ao fim, clamarão: *“Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”* (Apoc. 6:9). E o Senhor de toda a justiça eterna lhes responderá: *“Brevemente, muito brevemente”*. (Apoc. 6:10)

Aqueles que são semelhantes a Pilatos, correrão nesse dia clamando aos montes que caíam sobre eles e os livrem da ira do Cordeiro. Todo o opressor que tenha exercido o poder, todo o juiz que tenha pervertido a justiça ou pronunciado uma falsa sentença, ou se tenha vendido por dinheiro, será pesado na balança e achado em falta.

Nesse dia os juizes como Pilatos suplicarão misericórdia; a misericórdia que eles nunca ofereceram.

*Todo o opressor que
tenha exercido o poder,
todo o juiz que tenha
pervertido a justiça ou
pronunciado uma falsa
sentença, ou se tenha
vendido por dinheiro,
será pesado na balança
e achado em falta.*

Implorarão a bondade que nunca demonstraram. Nesse dia Pilatos e os seus amigos responderão a um Juiz mais importante do que jamais imaginaram – Um que não pode ser evitado. Um que não pode ser comprado. Um que não pode ser influenciado. Um a quem não é possível fazer obstrução.

Embora hoje vejamos um no uso do seu poder e o Outro sob a opressão, naquele dia se verá quem é realmente o prisioneiro e quem é realmente o juiz. Ainda que hoje vejamos Pilatos na sua glória, no seu escuro e conivente poder, naque-

le dia vê-lo-emos como o prisioneiro que sempre foi – prisioneiro do orgulho, prisioneiro de si mesmo, prisioneiro da dúvida, prisioneiro da ganância.

Embora hoje vejamos Jesus na Sua humilhação, na Sua vergonha, no Seu sangue suor e lágrimas, naquele dia vê-l'O-emos como o Deus que Ele sempre foi – Rei de reis, Senhor dos senhores, Juiz dos juizes. Aquele que mantém a coesão de todo o Universo. Aquele em quem todas as coisas se firmam.

“Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus e na Terra e debaixo da Terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.” (Fil.2:10,11)■



A Doutrina do Sábado no Limiar do Terceiro Milénio

A história humana tem mostrado que o dobrar de cada milénio é tempo de avaliação das coisas que para trás ficam e de perspectiva do que há-de vir. A religião é um dos dados de análise mais pertinentes e tem, ao longo dos anos, sofrido desvios constantes. Há religiões antigas e há religiões modernas. Todas pretendem ser a resposta à componente espiritual do Homem.

Na dobragem deste milénio, é sobretudo o cristianismo, tão dividido e tantas vezes desacreditado, que sugere indagações sérias. Finalmente, *“onde se deve adorar: em Samaria, ou em Jerusalém?”* O Senhor a Quem servimos *“é o mesmo ontem hoje a amanhã”*, porque em Deus *“não há sombra de mudança”*. Por isso readquirem verdadeiro valor as Escrituras Sagradas porque *“seca-se a erva e caem as flores, mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente.”* É na Palavra que o homem encontra os marcos certos, a apontar a vereda certa.

O Sábado é um desses marcos – um marco colocado no Éden para o Homem; lembrado ao povo de Israel para que o cumprisse à risca; reavaliado e reajustado por Cristo durante o Seu ministério terrestre; observado pelos Apóstolos e pelos primeiros cristãos...

Mas a história mostra que, durante os séculos que se seguiram à era apostólica, ocorreu um grande afastamento da verdade ensinada por Jesus Cristo. Como resultado, a guarda do Domingo foi introduzida substituindo o verdadeiro Sábado cristão. Este costume foi fortalecido por leis civis e eclesíásticas no decorrer dos séculos. Esta é a razão por que a maioria dos cristãos guardam o Domingo em vez do Sábado.

O povo que prega o temor e a glória do Senhor, face à hora do Seu juízo, coloca de pé a lembrança do Criador do mundo - o Sábado. Por isso, a compreensão desta verdade para o nosso tempo é básico e vital. Este facto deve, por sua vez, alertar os Adventistas do Sétimo Dia, para a verdade de que agora é tempo de proclamarem e viverem

o Sábado mais amplamente. As multidões de cristãos nas diferentes igrejas pensam que Cristo é apenas o Salvador. Não estão advertidos de que Ele é também o Criador (Col. 1:16,17; João 1:10) e que a verdade da criação subentende a verdade do Sábado.

Repto aos nossos Pastores e Igrejas

“O tempo em que vivemos pede vigilância contínua e os ministros de Deus devem apresentar a luz sobre a questão do Sábado. ... Tão claramente deve a mensagem ser apresentada, que nenhum transgressor, ouvindo-a, seja desculpável em deixar de discernir a importância de obedecer aos mandamentos de Deus”. Obreiros Evangélicos, pág. 148

Ensinar, esclarecer, levar à fidelidade e não facilitar, deve ser a nossa preocupação constante a fim de que a Igreja de Deus possa aguardar esperançosa a vinda de Jesus. A santificação do Sábado é prioridade absoluta nas mensagens à Igreja. *“Tu pois, fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis os Meus Sábados: porquanto isso é um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor que vos santifica.”* Êx.31:13.

“Há necessidade de uma reforma do Sábado entre nós que professamos o santo dia de repouso” Evangelismo, pág. 245
Grandes bênçãos são prometidas aos que têm o Sábado em alta estima e compreendem as obrigações que sobre eles impendem em relação à sua observância. À pergunta: “Sobre quem pronuncia Deus a Sua bênção ao aproximar-se a vinda de Cristo?” Responderíamos: *“Sobre aqueles que se guardam de profanar o Sábado”.* Is. 56:2

“A obra da reforma do Sábado que deve realizar-se nos últimos dias é predita pelo profeta Isaías” Grande Conflito, pág.



361 (P. Atlântico, 7ª Edição, 1981); Is. 58:13,14. A vinda de Cristo está próxima e devemos alertar para a necessidade de um retorno aos princípios que norteiam a Igreja Adventista: obediência implícita aos mandamentos de Deus, com especial referência para o quarto mandamento, cuja observância tem vindo a registar uma progressiva e alarmante lassitude, no que respeito aos limites do Sábado bíblico, aos entretenimentos ou ocupação da maior parte de tempo sagrado

(audições de música profana, televisão, cinema, discotecas, participações desportivas, actividades lectivas, trabalho para além do pôr de sol de Sexta-feira, etc. etc.).

Lembramos ainda o importante prejuízo da ausência, sem razões, de muitos dos nossos membros de Igreja à Escola Sabatina e aos cultos divinos, o uso de vestuário não apropriado com que alguns crentes se apresentam na Igreja, a falta de programas que possam, pelo seu equilíbrio espiritual, atrair jovens e adultos, para actividades na Igreja; a falta de valorização do Sábado em família.

Muitas profissões declaradas humanitárias (bombeiros, seguranças, polícias, médicos e paramédicos, etc.), sendo úteis ao bom funcionamento da sociedade, levam ao compromisso e, às vezes com prejuízos para a santificação do Sábado. Aqui recordaríamos que *“Não há profissão humana que deva ser considerada de tanta importância que faça transgredir o quarto mandamento do Sábado.”* Testemunhos Selectos, vol.1, pág. 174. Nestes lugares a ausência por razões de ordem sabática, pode ser um testemunho de fidelidade a Deus.

O Sábado no Céu e na Nova Terra

“Todo o Céu celebra o Sábado, mas não de maneira ociosa e negligente” Testemunhos Selectos, Vol. III, pág. 28.

Na visitação missionária deparei-me um dia com um grupo de Testemunhas falando sobre a Nova Terra como vindouro Paraíso, conforme II de Pedro 3:13 e Is. 65:17.

Tão grande felicidade, para ser completa, carecia de uma precisão tão oportuna e útil, que não resisti a imediata intervenção no sentido de valorizar o feliz acontecimento. Pedi a gentileza de me informarem qual o dia que iria ser santificado na Nova Terra. “É o Domingo!” responderam prontamente.

Perguntei: “Se lhes mostrar pela Bíblia que têm em mãos que é o Sábado acreditam?” “Sim!” foi a resposta. Li então o profeta Isaías, capítulo 66:22,23: *“Porque como os céus novos e a terra nova, que hei-de fazer, estarão diante da minha face, diz o Senhor, assim também há-de estar a vossa semente e o vosso nome. E será que... desde um Sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante Mim, diz o Senhor, assim há-de estar a vossa posteridade e o vosso nome”*.

Após a leitura deste texto sobre a Nova Terra e do Sábado como dia de repouso, as Testemunhas ficaram tão impressionadas, que não resistiram à bem longa exclamação: “Nunca tínhamos lido tal passagem na Escritura!” Pus-me à sua disposição para as ajudar e fortaleci-me com esta tão feliz experiência, onde se vê o Sábado transpor tempos e espaços, até à eternidade.

Satanás odeia a verdadeira santificação do Sábado e crê-se comumente que não faz diferença um ou outro pormenor. Mas ninguém conclua que este ou aquele desvio não tem importância na santificação do dia do Senhor.

“Como a árvore da ciência do bem e do mal serviu de prova à obediência da Adão, assim o quarto mandamento é o teste dado por Deus para pôr à prova a fidelidade de todo o Seu povo”. E.G.White (SDABC Vol. 1, pág. 1106)

Fazer o que não é permitido no dia do Senhor é candidatar-se ao sinal da apostasia (Apoc. 14:9,10).

Dai ao Sábado de Cristo o seu justo lugar na vossa vida! ■



O Sábado é um desses marcos – um marco colocado no Éden para o Homem

*Alberto Nunes
Pastor na área de Santarém*



Nos “Braços” de um Polvo

O que eu aprendi sobre Deus

“N ão consigo pensar em Deus como um pai amoroso,” confessou, entre lágrimas, a minha amiga. “O meu pai foi tão mau e fez-me tantas coisas terríveis que não consigo equacionar um Deus e um Pai amoroso!”

De outro grupo de amigos, ouvi as mesmas histórias tristes. Muitos dos meus amigos sentem-se incapazes de se relacionar com Deus como Pai por terem sido vítimas de abusos, de uma forma ou de outra, às mãos dos seus pais. Alguns sentem-se mais à vontade relacionando-se com Deus como uma mãe ou mesmo em termos familiares, neutros.

Compreendo como se sentem porque eu própria baseio o meu relacionamento com Deus no que tenho com o meu pai. No entanto e felizmente para mim, eu tenho um bom pai.

Era o meu décimo aniversário. Para o festejarmos, o meu pai levou-nos à praia. (O bolo de aniversário sabe sempre melhor com um bocadinho de areia). A minha mãe e as minhas duas irmãs mais novas deitaram-se na areia, deliciando-se com o calor do sol da Guiana e com as ondas calmas, mas o meu pai e eu tínhamos planos diferentes. Queríamos explorar as poças de água nas rochas. Escalámos as rochas de granito cheias de poças escavadas pelas ondas e espreitámos as miríades de comunidades individuais. Recolhemos estrelas do mar, conchas, e uma série de para-serem-identificadas-mais-tarde nos nossos baldes, para exame.

De repente, dei um grito de terror. Algo tinha saído debaixo da rocha e tocado o meu tornozelo com um braço

viscoso. O pai meteu o balde dele na água rapidamente e retirou um polvo bebé que estava escondido na minha poça na rocha. Aquilo é que era um achado! Muito mais excitante do que os ouriços do mar ou as algas.

“Temos de mostrar isto à tua mãe e irmãs,” disse o meu pai. “Fica aqui a tomar conta do polvo que eu vou a correr chamá-las. Se ele tentar fugir, deixa-o ir. *Não* lhe toques, está bem?”

Eu assenti com a cabeça, e o meu pai partiu a toda a velocidade.

Os minutos foram passando, e eu protegi os olhos do sol e espreitei ao longo da praia. A minha mãe e irmãs eram figurinhas destacadas na praia do outro lado da pequena baía. Isto ia demorar. Sentei-me perto do meu balde e observei o nosso achado.

A sua cabeça era mais ou menos do tamanho de uma bola de ténis, e, quando os mexia todos ao mesmo tempo, parecia ter mais do que oito braços. Dei-lhe o nome de Ollie. O Ollie parecia ser muito macio e gracioso e... bem... inofensivo. Meti a mão no balde e fiz-lhe uma festinha na cabeça com um dedo. Era macio, viscoso e escorregadio. Voltei a tentar e nada de terrível aconteceu. *O pai é tão paranóico*, pensei. *Ele impõe tantas regras que não nos deixa aprender e divertir*. Continuei a fazer festas no meu novo amigo. Este polvo pequenino era, obviamente, demasiado novo para fazer mal fosse a quem fosse.

Conforme lhe fui fazendo festas, o pequeno molusco começou a retribuir, passando o seu braço longo e elástico pelas costas da minha mão. Eu estava deliciada. *Já gosta de mim*, pensei. De repente enrolou um dos tentáculos com força. Isto *não* fazia parte dos meus planos. Tentei tirar o

tentáculo com a minha outra mão. O pequeno braço esticou-se de uma forma incrível, mas não cedeu. No entanto, o polvo segurou a minha outra mão com dois dos seus tentáculos. Tentei afastar os meus braços um do outro, mas ele parecia de elástico e continuei presa.

Olhei para ele, consternada. Eu gostava muito de o ter como animal de estimação, mas o meu pai estava a voltar com a minha família toda 'a tiracolo' e eu não queria ser apanhada assim. A situação pedia medidas drásticas.

"Desculpa lá eu ter de fazer isto, Ollie," disse-lhe enquanto levantava o pé, "mas tens de me largar". Empurrei-lhe a cabeça com o pé, puxando-lhe os braços com quanta força tinha. De certeza que me largaria e eu ia conseguir devolvê-lo ao balde a tempo. Em vez disso, enrolou dois braços à volta do meu pé.

"Não! Não! Seu polvo estúpido!" Gritei, saltando às voltas sobre o meu outro pé. Perdendo o equilíbrio, caí sem cerimónias dentro da poça. Vi-me, de repente, a cuspir água salgada enquanto lutava com um enorme e – parecia-me a mim – assustador monstro marinho. Uma envergadura de braços de 55 cm parece muito grande quando a nossa só tem 85.

A mãe e o pai já estavam a chegar ao local. Entretanto eu lutava para manter a cabeça fora da água. Estava desesperada. Já não pensava em ter o Ollie como animal de estimação. "Vou ter de te magoar," ameacei, esperando que o pequeno monstro marinho compreendesse inglês. Baixei a cara e mordi-lhe a cabeça.

Sendo do tipo teimoso, o polvo levantou os outros dois braços e apanhou-me a cara. Agora estava firmemente preso à minha cara, às minhas duas mãos e ao meu pé. Em pânico, levantei os olhos... e encontrei os do meu pai.

O meu pai não se riu, não me ralhóu pela minha desobediência, nem me ridicularizou por me ter metido naquela situação por minha própria culpa – embora as minhas irmãs não se tivessem regido pelas mesmas normas. Nem me deu um sermão sobre a maneira de me libertar. Apenas se sentou comigo na pequena poça cheia

de limos e me puxou para perto dele. Também ele não conseguiu tirar os pequenos braços do animalzinho, mas pôs os seus braços e pernas perto dos meus e o polvo passou dos meus bracitos magros e trémulos para os seus braços fortes. Eu estava livre. E o meu pânico deu lugar a sentimentos de euforia e libertação.

O meu pai era formidável!

Depois olhei bem para o meu pai. Levou muito tempo a retirar o bichinho dos braços dele. "Ele precisa de água," disse o pai. "Eu posso esperar, desde que não me morda,

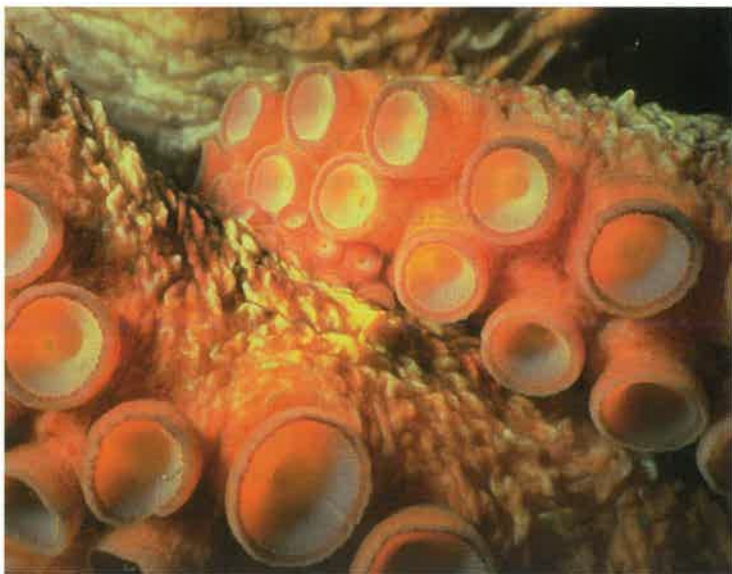
ou coisa do género. Ele tem um bico afiado que usa para abrir mexilhões e conchas, mas eu não me pareço com um mexilhão." Puxámos e esperámos e voltámos a puxar. Finalmente o pai estava livre. Eu tinha círculos vermelhos nos meus braços, mas os do meu pai eram roxo escuro.

No regresso a casa, aninhei-me junto ao meu pai. Ele nunca disse nada sobre a minha desobediência.

Sempre que olhava para os círculos roxos nos seus braços, os meus olhos enchiam-se de lágrimas e o meu coração de remorsos.

Pareceu-me que os círculos levaram meses a desaparecer (embora o pai ache que foram só uns dias). Eles lembraram-me Jesus e as Suas cicatrizes, que levará por toda a eternidade. Tal como o meu pai, Ele também nunca me ralhóu por causa delas. Ele apenas saltou para o charco cheio de lodo que é a minha vida e tomou sobre Si os resultados da minha desobediência, transferindo-os dos meus braços trémulos para os Seus braços fortes.

Quando falo com os meus amigos que sofrem, quero abraçá-los e dizer-lhes. "O meu pai não é assim. Deixa-me partilhá-lo contigo. Deixa-me dar-te as recordações felizes que mostram como o meu pai é." Talvez seja isso que o cristianismo é. O nosso Pai Celestial também não é assim. Deixa-me contar-te como Ele *realmente* é. Deixa-me partilhar as minhas recordações para que se tornem tuas, também. ■



Num mesmo Espírito

É difícil imaginar que todos estivessem convencidos

Desde os remotos dias de um pequeno grupo de remanescentes Milleritas até à igreja em plena expansão com presentes em 180 países – os Adventistas do Sétimo Dia como entidade têm lutado contra divisões e tensões sobre o significado do “contínuo” em Daniel, a hora a que o Sábado começa, a ordenação de mulheres, a lei for – a Igreja Adventista não tem estado isenta de conflitos internos.

Embora o desacordo, dadas as limitações da natureza humana, seja inevitável, é pena que nem sempre todos os problemas da forma mais cristã.

Os conflitos dentro do corpo de Cristo nada têm de novo. O livro de Actos relata dissensões mesmo nos primórdios da igreja. Alguns gregos se queixaram de que as suas viúvas estavam a ser negligenciadas no “*ministério quotidiano*” (Act. 6:1). Mais tarde surgiu um problema que poderia ter ameaçado a unidade de toda a igreja e a sua missão: “*Então alguns que tinham descido da Judeia ensinavam que não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos*” (Act. 15:1).

Considerando que a igreja primitiva era composta por muitos judeus devotos que viam a sua aceitação de Cristo não como uma nova religião, mas como a sua elevação máxima, não é de surpreender que algo tão fundamental e básico do ponto de vista judaico fosse encarado como essencial para a salvação, especialmente entre pessoas que ainda não compreendiam perfeitamente o evangelho pregado por Paulo.

Como resultado, havia “*não pequena discussão e contenda*” sobre o assunto. Consequentemente, “*resolveu-se que Paulo e Barnabé fossem a Jerusalém, aos apóstolos e aos anciãos, sobre aquela questão*” (ver. 2). Por isso a igreja primitiva decidiu que a melhor maneira de resolver o assunto era convocar uma reunião de crentes para resolver o assunto.

O livro de Actos relata que no Concílio de Jerusalém (como tem sido chamado) alguns dos Fariseus que tinham aceite o evangelho “*necessário circuncidá-los (aos gentios) e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés*” (ver. 5). Outros, entretanto, tal como Pedro, diziam “*por que tentais... pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais, nem nós, podemos suportar?*” (ver. 10). Em resposta, Paulo e Barnabé foram chamados. Lucas chama-lhes “*grande contenda*” (ver. 7).

O que a Bíblia apresenta neste capítulo é um relato sobre crentes sinceros e empenhados a discutir sobre o que era, se não essencial, uma vez que tocava no próprio conceito de salvação.

Quanto tempo durou o debate, Actos não no-lo diz. Contudo, o que diz é que se chegou a um consenso. Os participantes foram chamados a apresentarem a decisão do concílio a outras igrejas. “*Pareceu-nos bem*”, diz a carta, “*reunidos concordemente, eleger alguns mensageiros, Barnabé e Paulo*” (ver. 25).

Notem que eles estavam “*reunidos concordemente*”. É difícil acreditar que todos os presentes na reunião estivessem convencidos com a presença do Espírito Santo (ver. 28). Contudo, o texto nunca sugere que qualquer pessoa no concílio tenha recusado a decisão ou que a decisão ia contra as Escrituras.

Na realidade, os versículos citados por Tiago (que parecem ter posto fim ao debate) falavam apenas dos gentios que votaram a favor ou contra, sobre se deviam ou não ser circuncidados. Portanto, não havia qualquer razão escriturística que os levasse a recusar a decisão.

O livro de Actos é um modelo para a igreja mundial quando esta lidar com problemas mundiais. Sob o poder do Espírito Santo, a igreja decide – para a igreja como um todo – um assunto crucial, tomando uma decisão com a qual provavelmente nem todos os membros estarão de acordo.

Há aqui lições para todos os crentes. ■

maior de 10 milhões de membros
s. Quer nas diferentes opiniões
em Gálatas, ou seja lá o que

enfrentamos lidando com estes

a igreja nascente, quando
tarde, levantou-se outro
discutiam assim os irmãos: Se

como um repúdio da sua
eu como era a circuncisão,
evangelho tal como era ensi-

gnabé, e alguns entre eles, subis-
sira de lidar com o problema

e Cristo disseram "que era
argumentaram contra o isso,
a resumo, houve debates acalo-

um sombra de dúvida, um assunto

antes decidiram enviar alguns men-
as varões, e enviá-los com os nossos amados

ncios que esta era a decisão certa, mesmo
o submeter-se à decisão. Afinal, nada na

inham ao conhecimento do Senhor. Nada diziam, a
e a desafiar uma política com a qual talvez não concor-

rito Santo, com as Escrituras como guia, estes crentes reunidos para
concordaram, mas que não permitiram que isso impedisse a sua união.



Robert S. Folkenberg
Presidente da Conferência Geral dos A.S.D.

Tomar - Semana Espiritual de Renovação - "SER"

De 9 a 16 de Maio teve lugar, na igreja de Tomar, uma série de bonitas e interessantes conferências dirigidas pelo Pr. Ilídio Carvalho, convidado para o efeito.

Foram mensagens com grande sentido de oportunidade, profundamente espirituais, que tocaram todos os presentes, muito embora as condições climatéricas não ajudassem. A chuva forte foi uma constante ao longo da semana. Mas apesar desta contrariedade, tivemos a alegria de ver, cada noite, um bom número de membros e visitas, algumas pela primeira vez, que escutaram as mensagens e os belos e inspirados cânticos apresentados por: Filomena Amaro, Sara Albuquerque, Margarida Cachão, Armando Cottim e Idalina Mota.

Centenas de convites e cartazes foram distribuídos, os jornais e as rádios locais noticiaram o acontecimento e, como resultado directo, o Pr. Daniel Martins foi entrevistado por uma rádio local, sobre a razão de ser da Igreja Adventista.

Sentimo-nos gratos a todos os que colaboraram e a Deus, principalmente, por todo o trabalho e pelo entusiasmo demonstrado pela igreja, apesar de um tempo mau e pouco convidativo.

Oremos uns pelos outros.

Fernando Gonçalves

1º Ancião da Igreja de Tomar

Notícias da Guarda

A Igreja da Guarda realizou, de 1 a 3 de Maio, uma série de palestras, exclusivamente dedicadas ao tema da saúde. As reuniões realizaram-se na Rapoula, uma pequena aldeia localizada a 5 km. da cidade da Guarda. Foram dirigidas e apresentadas pela nossa irmã enfermeira, Leonor Silva e pelo irmão Manuel Mendes, responsável para igreja da Guarda.

No primeiro dia foi abordado o tema do álcool, no segundo o do tabaco e no terceiro e último, o tema da alimentação.

NOTÍCIAS DO MUNDO

Pessoal médico da Igreja em Angola escapa de massacre

Em Maio último foram massacradas mais de 200 pessoas no Cual, perto de Malange. De acordo com o relatório apresentado pelo irmão Rosário, administrador do nosso dispensário, todo o pessoal médico conseguiu fugir. As enfermeiras esconderam-se dos soldados escapando assim às atrocidades que estes cometeram. O próprio irmão Rosário caminhou durante um dia inteiro até outra povoação, para encontrar transporte para outra área.

"A situação no país, no que respeita a segurança, degrada-se mais em cada dia", relata o responsável pela ADRA em Angola, que informa também terem sido recentemente destruídas as instalações da ADRA e parte do edifício do hospital no Bongo.

Obreiros no Sudão foram atacados de surpresa.

Um grupo de jovens e seus pastores foram atacados por homens armados, quando regressavam em camião, de Malakal na região do Alto Nilo no Sudão.

As notícias referem que Joseph Malesh, um dos pastores foi morto a tiro, enquanto o resto do grupo conseguiu esconder-se na mata. O pastor John Pel, que também vinha com o grupo, foi dado como desaparecido.

Recentemente a ADRA enviou para a região um grande contentor com ajuda humanitária.

Miroslav Pujic, director das Comunicações da Divisão Trans-Europeia, comenta que a "tragédia recorda-nos que trabalhar para o Senhor, em algumas partes do mundo, pode ser verdadeiramente perigoso. Pedimos que orem pela libertação do pastor Pel e pelo resgate dos jovens da área do crime, para Kartum".

Estiverem presentes no primeiro dia 54 pessoas, no segundo 52 e no terceiro 74. Estes dados mostram bem o interesse da população em geral, por esta acção. Em suma, foi uma iniciativa com sucesso, que nos deu muita alegria.

*Manuel Mendes
Responsável pela Igreja da Guarda*

Notícias de Coimbra

Recentemente a Igreja de Coimbra decidiu dedicar um Sábado aos irmãos que tivessem ultrapassado os 80 anos. E tivemos a alegria de constatar que cinco irmãs pertenciam a este grupo.

Assim, de manhã, antes do início do culto estas irmãs foram chamadas ao púlpito e procedeu-se a uma singela cerimónia de homenagem em que, para além das muitas flores que lhes foram oferecidas, receberam também, cada uma delas, uma Bíblia com caracteres grandes para lhes facilitar a leitura da Palavra de Deus. Também lhes oferecemos muitos cânticos.



Após os serviços religiosos habituais da manhã, seguiu-se um almoço em conjunto, no qual toda a Igreja participou e em que as nossas irmãs foram, uma vez mais, o centro das nossas atenções.

E assim, num espírito de gratidão para com Deus, vivemos este Sábado, durante o qual a Igreja procurou transmitir a estas irmãs o grande apreço e a alegria por as ter no seu seio.

Hugo Cardoso

NOTÍCIAS DO MUNDO

Aprovação preliminar de um Projecto de Lei aprovado no Parlamento Israelita, restringindo a liberdade religiosa.

No passado mês de Maio o Knesset (Parlamento de Israel), incluindo o primeiro ministro Benjamin Netanyahu, aprovou, numa primeira votação, um Projecto de Lei que implicará prisão ou uma multa de 13.700 dólares, a qualquer pessoa culpada de “pregar com o intuito de levar alguém a mudar de religião”. Isto aplica-se a todas as religiões no país.

O grupo que apresentou este Projecto de Lei justificou esta proposta dizendo que: “Nestes últimos anos, a actividade missionária tem aumentado de forma a atingir proporções alarmantes. Isto é particularmente visível entre os jovens e os novos emigrantes...!” E

chama a tais actividades “este sério fenómeno de uma intensa campanha destrutiva entre os judeus”.

Pretende assim que seja introduzida uma emenda à cláusula 174 de Código Penal que já proíbe a distribuição de literatura religiosa com o objectivo de levar as pessoas a mudarem de religião.

De acordo com o jornal “Jerusalém Post”, alguns observadores em Israel dizem que esta proposta dificilmente obterá o apoio necessário para se tornar em Lei. E a coligação “Whip Meir Sheerit” afirmou no momento da votação que esta “não tem qualquer hipótese de se tornar em Lei”. Porém o “Comité de Acção Messiânica (MAC)”, expressou, também depois do voto, o desejo exactamente contrário.

Alguns membros do Parlamento Europeu prometeram dar o seu apoio à campanha para defender as liberdades democráticas em Israel.

Notícias de Serpins – Lousã

22 de Maio de 1993. Nessa data inaugurava-se o novo templo da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Serpins. Um edifício bonito e elegante, aberto a todas as pessoas, era consagrado ao culto divino. Cinco anos já lá vão. Tão céleres, que muita coisa já se passou naquela sala sagrada: 1 casamento, 20 cerimónias de Santa-Ceia, Festas de Natal, 2 investiduras de TDCS, Campanhas de Evangelização, Seminários sobre Daniel, dedicação de bebés, infelizmente alguns funerais e também, e acima de tudo, 7 baptismos.

É desejo agora da igreja local construir um Salão de Jovens, onde estes possam ter o seu espaço e onde tenham lugar actividades não tão próprias para a sala de culto. Esperamos, com a ajuda de Deus e de todos, conseguir este objectivo que nos propomos.

Não poderíamos deixar de referir que todos os crentes, de uma forma ou outra, têm colaborado para o bom funcionamento e a ordem na Igreja. Para todos, as mais ricas bênçãos de Deus.

Nestes cinco anos de existência, temos recebido, com muita alegria, imensas visitas, vindas de todos os cantos do país, a até do estrangeiro. E já são, ao todo, quase um milhar.

Agradecemos a Deus, porque estando aqui num canto, algo escondido do nosso País, os nossos irmãos não nos esquecem.

Sabemos que Deus está sempre connosco. Mas é igualmente agradável sentir a presença e a simpatia dos nossos irmãos.

Que Deus a todos abençoe.

Celestino Carvalho

Responsável pelas Relações Públicas da Igreja de Serpins

A IGREJA EM ACÇÃO

Ainda a Assembleia Espiritual Tomar 30 de Maio de 1998



1. Aspecto da Assembleia



2. "Direcção" da Escola Sabatina



3. Início do Culto Solene



4. "African Voices" cantando no culto



5. Alunos do Colégio de Oliveira do Douro



6. Pastor Fernando Mendes falando do Lar de Avintes



A Luta de Craig pela Liberdade

www.freethechildren.org

BETTY LOU MELL

No ano de 1995, em Thornhill, Canadá, Graig Kielburger pegou no jornal. O título chamara a sua atenção: “Um rapaz de 12 anos foi assassinado por ter falado abertamente”

O Graig engoliu em seco. Ele também tinha 12 anos.

A notícia informava que Iqubal Nashi, um rapaz de 12 anos, do Paquistão, tinha sido vendido como escravo aos 4 anos – por cerca de 2.200\$00! Foi forçado a trabalhar 12 horas por dia, seis dias por semana, atando os nós das carpetes caríssimas – muitas vezes acorrentado ao seu tear.

Aos 10 anos, Iqubal conseguiu escapar. Juntou-se a uma organização que protestava contra o trabalho infantil no Paquistão, e falou dessa injustiça em primeira mão. Como teve a coragem de falar sobre as condições terríveis do trabalho infantil, foi morto a tiro com a idade de 12 anos.

O Craig acabou de ler o artigo. Chocado, deu-se conta de como a sua vida era abençoada, e pensou nas grandes diferenças existentes nos estilos de vida por todo o mundo. Enquanto ele frequentava a escola, ia à igreja, e se divertia com a família e os amigos, Iqubal trabalhara sob condições insuportáveis. De repente, sentiu que Deus queria que ele continuasse o trabalho de Iqubal.

Passo a Passo

Começou por investigar o assunto do trabalho infantil. Foi primeiro às organizações que tratavam do assunto e que vinham mencionadas no jornal. Ficou a saber que

há cerca de 250 milhões de crianças em todo o mundo, de idades compreendidas entre os 4 e os 14 anos, que trabalham a tempo inteiro. Armado com determinação e factos, o Craig disse aos seus colegas de turma: “Olhem, aqui está o assunto. Isto é o que eu sei sobre ele. Agora decidam, quem quer ajudar?”



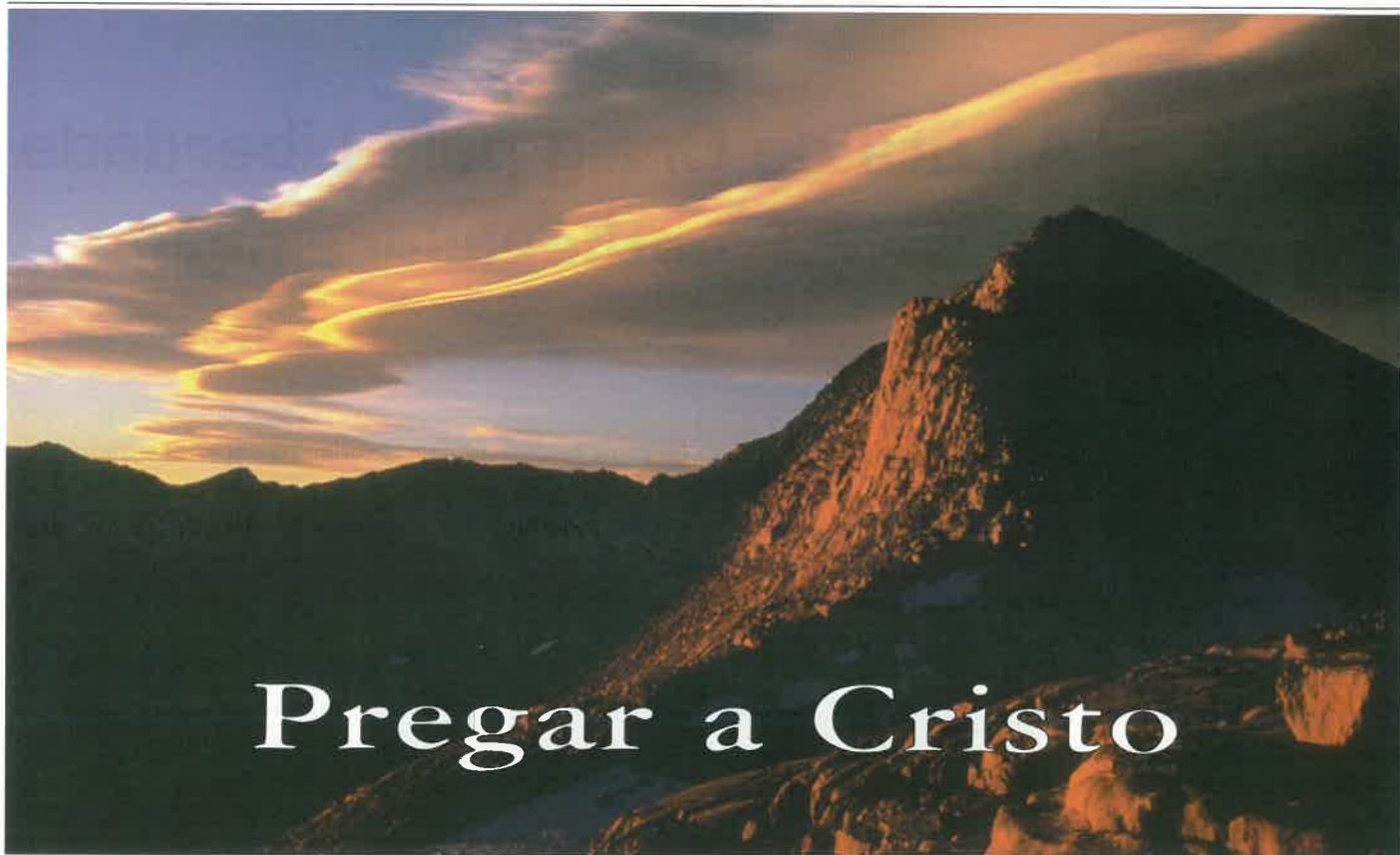
Em algumas partes do mundo, a escravatura infantil é uma constante.

Cerca de 20 jovens juntaram-se na sala de estar da casa do Craig onde começaram um ‘site’ na internet chamado “Libertem as Crianças”. Neste momento há grupos activos no Canadá, Estados Unidos, Austrália, Brasil, Singapura e Chile. Craig também contactou o Conselho Mundial de Igrejas, testemunhou perante o Parlamento Canadano, e falou numa conferência nacional em Washington, D.C.. Ele viaja por todo o mundo para ter, em primeira mão, uma visão das crianças e das suas condições de trabalho.

Devido aos esforços da organização, a Rugmark do Canadá estabeleceu um sistema voluntário para identificar os produtos feitos com trabalho infantil. Há um crescente interesse internacional para evitar o trabalho infantil, e a Nike anunciou que deixará de vender bolas de futebol feitas por crianças.

O que o Craig descobriu naquela notícia do jornal inspirou-o a começar um trabalho que cresceu em proporções globais. É um esforço que, certamente, agrada a Deus.

Betty Lou Mell
Colaboradora da revista “Guide”



Pregar a Cristo

N.R. Embora este artigo tenha sido escrito para pastores, cremos que, de acordo com o conceito de que todos temos algo que ver com a pregação do Evangelho, quanto mais não seja através do nosso testemunho pessoal vivido ou falado, é oportuno e útil publicá-lo aqui, para que cada membro desta Igreja, que se deseja activa na divulgação do Evangelho da Salvação, sinta, reforce ou recupere a vontade de “Pregar a Cristo”, mais do que qualquer outra coisa, na sua vida.

JAMES C. OTORE

“Que assunto pode ter mais sentido e importância além de Cristo?”

Qualquer que seja a congregação, sejam quais forem as suas necessidades específicas, qualquer que seja a tendência ou disposição de espírito, qualquer que seja o pregador, Cristo e Este crucificado, deve ser pregado. Se falharmos nisto, não importa a nossa eloquência, erudição ou conduta, a nossa pregação será um fracasso.

Mas uma boa pregação, mesmo sobre Cristo, não acontece por acaso. Exige trabalho, planificação e dedicação. A boa pregação é conseguida por fases. Devemos

estabelecer prioridades. Martin D.Lloyd-Jones resume estas fases em duas partes principais: a) a mensagem da salvação apresentada por Jesus à humanidade, de forma perfeita e b) a mensagem que edifica aqueles que já aceitaram Jesus Cristo, como seu Salvador pessoal.⁽¹⁾ No centro, como sempre, deve estar Cristo e Este crucificado.

Jesus pregava sempre sobre as necessidades básicas das pessoas, antes de dar o passo de censurar os obstinados fariseus e saduceus. Tendo sido tocado pelas profundas necessidades de salvação do povo, Cristo pregava a

mensagem do Reino de Deus (Marc. 6:34; Luc. 9:11). Ellen White faz a seguinte descrição: “O povo ouvia as palavras de graça que fluíam livremente dos lábios do Filho de Deus. Ouvia as graciosas palavras, tão singelas e claras, que eram como o bálsamo de Gilead para as suas almas”.⁽²⁾ E acrescenta: “nenhum sermão deve ser pregado sem que nele se contenha uma porção especialmente destinada a iluminar o caminho pelo qual os pecadores possam chegar a Cristo e serem salvos”.⁽³⁾ Ela dá a conhecer que muitos pregadores têm interpretado mal o verdadeiro caminho que conduz à salvação:

“Quando o dom gratuito da justiça de Cristo não é apresentado, os sermões são áridos e sem poder; as ovelhas e os cordeiros não são alimentados”.⁽⁴⁾ Com efeito, sem Cristo, a verdade acerca da lei, do Sábado e da profecia traz pouco proveito ao indivíduo. Se se falha em erguer Cristo e a cruz, falha-se em levar salvação à congregação.

É sabido que muitos que ouvem os sermões na igreja se acham sobrecarregados com problemas e que muitos deles vão à igreja na expectativa de obterem a ajuda divina. Contudo, “em vez de verem satisfeitas as suas necessidades espirituais vão ouvir um desajustado sermão acerca de textos ou mesmo de cerimônias eclesiais, sem qualquer interesse, para pessoas que se estão debatendo com a solidão e o temor, preocupadas com problemas de trabalho, de educação, tentando segurar um lar (ou um casamento) ameaçado de ruína, ou enfrentando a morte. E não fica por aqui. É oferecido a criaturas degeneradas trivialidades piedosas acerca do simbolismo religioso e da história da fé. Desta maneira, não admira que, nos nossos dias, as igrejas se apresentem tão fracas. Quando o evangelho não é ouvido do púlpito, não há nada que seja capaz

de unir os corações das pessoas. Saem tão confusas e desamparadas, como entraram”.⁽⁵⁾

Sempre, em toda a congregação, em todo o momento, de uma forma ou de outra, o pregador deve exaltar a cruz e aquilo que Cristo realizou a favor de cada um de nós, e que Ele está ali não apenas como resposta às nossas necessidades mais profundas, mas também como fonte de poder a ser comunicado ao nosso povo, para que esteja apto a enfrentar qualquer crise pela qual esteja a passar, ou venha a passar.

“Só em Cristo encontramos a esperança, o poder, a promessa, que fazem desta mensagem o que ela é”

Cristo deveria ser o fundamento de cada sermão pregado, não importa o assunto, porque que assunto pode ter mais sentido ou importância além de Cristo?⁽⁶⁾ Se fizermos de Cristo o centro da nossa pregação, faremos da Sua graça redentora o agente motivador para tudo quanto a congregação for solicitada a fazer. Quer na obediência à lei de Deus, na fidelidade ao dízimo, na adesão aos princípios da saúde, no amor aos nossos vizinhos ou inimigos, ou no que quer que seja, devemos fazer com que a cruz e o amor de Cristo por nós,

aí se manifestem como a base de tudo quanto se pretenda que a igreja realize. Tudo o que seja fora disto, cedo ou tarde se diluirá.

Particularmente no que respeita a campanhas de evangelização, tudo deveria assentar sobre a estrutura da cruz e do perdão de Deus. As próprias doutrinas deveriam ser sempre apresentadas à luz da salvífica graça de nosso Senhor. Nunca deveriam ser pregadas de forma a dar a entender que são independentes do evangelho. À margem da cruz, elas nunca serão bem compreendidas. Será pos-

sível falar do Sábado, do juízo ou da lei à margem da graça redentora de Cristo? Desde a primeira noite de uma série de reuniões, deveriam os ouvintes compreender que estão na presença de um pregador cristão e que, e mais do que qualquer outra coisa, ele está ali para pregar a Cristo e Este crucificado. Assim, se quisermos evangelizar o mundo, teremos que fazer com que aqueles que vêm assistir às nossas reuniões, creiam em Cristo antes de aceitarem qualquer outra coisa que ensinamos, porque nada daquilo que ensinamos terá o menor valor, desligado de Cristo.

Como adventistas, devemos ser particularmente cuidadosos em relação ao legalismo, que tem sido e, nalguns casos, continua a ser um problema para a igreja que, correctamente, mantém a perpetuidade da lei de Deus. O legalismo nunca vem do Reino de Deus. O remédio, repetimos, é erguer Cristo e a cruz. Nada conseguirá erradicar o legalismo do coração humano tão depressa, como as verdades tão poderosamente expressas nos escritos de Paulo, de que a certeza e a esperança da salvação nunca poderão vir das obras da lei, mas, tão somente, pela fé em Jesus Cristo.

“Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rom. 5:1). *“Nenhuma condenação há para aqueles que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito”* (Rom.8:1). *“Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé de Jesus Cristo ... porque pelas obras da lei nenhuma carne será justificada”* (Gál. 2:16). Estas verdades devem ser proclamadas em todos os sermões.

Podemos pregar eloquentes e eruditos sermões, mas, como aconteceu com a oferta de Caim, esses sermões podem ser vazios. *“A oferta de Caim foi uma ofensa a Deus, por ser uma oferta destituída de Cristo. O tema da nossa mensagem não se resume apenas aos mandamentos de Deus, mas inclui, também, a fé de Jesus”*.⁽⁷⁾

Em resumo: o Espírito Santo não concede vigor a nenhuma mensagem que não contenha as boas novas da graça redentora de nosso Senhor. O Espírito Santo não participa de nenhuma pregação que não tenha a orientação evangélica. Se o que se prega é verdadeiramente o evangelho, então essa pregação será dotada de poder. Só

*Como adventistas,
temos uma grande
mensagem a apre-
sentar ao mundo.
Uma mensagem de
esperança, de
poder, de promessa.*

quando os discípulos apresentaram Jesus como o Salvador dos homens crucificado pelos seus pecados, é que o Espírito Santo deu vigor à sua pregação. Assim, antes de apresentarmos os nossos sermões, temos que os pesar na balança do evangelho, para ver se eles contêm algo de consistente ou permanente, algo que alimente o rebanho e faça com que saiam com menos fome do que quando entraram.

Como adventistas, temos uma grande mensagem a apresentar ao mundo. Uma mensagem de esperança, de poder, de promessa. Mas devemos fazer sempre com que a cruz de Cristo seja o centro de tudo o que cremos, porque só em Jesus podemos encontrar a esperança, o poder, a promessa, que fazem desta mensagem o que ela é. ■

1. Martijn D. Lloyd "Preaching and Preachers" (Pregação e Pregadores), Grand Rapids, Mich. Zonderban Pub. House, 1971, pág. 61,62
2. Ellen White, Evangelismo, pág. 149
3. Idem, pág. 188
4. Idem, pág. 186
5. Killinger, "Fundamentals of Preaching" (Fundamentos da Pregação), Forteress Press, 1985. Pág. 164
6. Ellen White, "Obreiros Evangélicos" pág. 158
7. Idem, pág. 162

*James C. Otoré
Pastor no Quênia*

Jóias – Um Estilo de vida Adventista, ou também Bíblico

Muitos são os cristãos que se têm perguntado, com frequência, porque faz parte das normas da Igreja Adventista do 7º Dia, a não utilização de jóias.

Abdicar de algo de valor, muitas vezes sentimental, para o baptismo, para sempre?

Esta é uma opção por vezes complicada. Há obstáculos a transpor, que apresentam certa dificuldade, causa de dilemas e choque de ideias entre os já integrados na igreja.

Terá a Bíblia alguma reflexão sobre um tema cada vez mais delicado, que invade a Igreja?

Vejamos um episódio de passado que nos poderá esclarecer.

Regressemos a Israel, junto do monte Sinai, algum tempo depois da saída do Egipto...

Neste momento especial (Êxodo 32), Moisés está com Deus, onde recebe as Tábuas da Lei e instruções sobre o Santuário. O povo, alguns dias após a subida de Moisés, começa a cansar-se: “Moisés abandonou-nos!”, afirmam uns. “*Anda, faz-nos deuses que nos guiem...*” (Êx. 32:1), insistem eles com Aarão.

Falho de coragem, Aarão cede: “*Tirem as argolas de ouro das orelhas das vossas mulheres e dos vossos filhos e filhas e tragam-mas*” (verso 3).

Metendo tudo no fogo, dirá depois Aarão: “*... saiu este bezerro ...*” (verso 24). Constrói-se um altar e proclama-se uma festa. Nas cidades de Memfis e Heliópolis, no Egipto, havia grandes centros de adoração e culto ao deus Bezerro e Israel terá ido buscar essa lembrança ao fazer esta imagem.

Moisés desce do monte, por ordem divina, e ao ver a cena, atira com as placas da Lei ao chão, despedaçando-as. O Espírito de Profecia diz que dado o povo ter quebrado a Aliança com Deus, estas não mais tinham sentido nesta altura. Em seguida, Moisés agarra no bezerro, redu-lo a pó fino e espalha-o nas águas, obrigando o povo a beber delas, mostrando a impotência deste “deus” (verso 20). Muitos homens perderam a vida neste dia. “*Não terás outros deuses diante de Mim. Não farás para ti imagem de escultura...*”, afirmou o Senhor Criador! Moisés intercede então pelo povo,

para que Deus não Se retire do meio deste. Jeová então afirma: “*O Meu anjo te guiará*” (verso 34).

Então o Senhor ordena ao povo que parta, mas insiste: “*Diz aos filhos de Israel: ‘És um povo de dura cerviz. Se por um momento Eu subir no meio de ti, te consumirei. Tira pois de ti os atavios para que Eu saiba o que te hei-de fazer. Então os filhos de Israel se despojaram dos seus atavios, ao pé do monte...*” (x. 33:4-6). Na Versão “A Boa Nova” lemos: “*Ao ouvir estas palavras duras, o povo ficou triste e ninguém se atrevia a usar as suas jóias, porque o Senhor tinha dito a Moisés: Diz aos israelitas: vocês são gente teimosa e rebelde... Tirem portanto, todas as vossas jóias... Assim, a partir do monte Horeb, os israelitas deixaram de usar as suas jóias.*”



Porque manda Deus retirar as jóias?

Porque estas estavam ligadas à idolatria, à rebelião para com Deus. Porque Deus sabe como o homem pode facilmente tornar-se vaidoso. Também o apóstolo Pedro aconselha em I Pedro 3:3: “*Não procurem a beleza exterior, pelo frisado dos cabelos, jóias de ouro, ou o luxo dos vestidos, mas a beleza interior*”.

Pedro fala da beleza do “coração”, da modéstia e da mansidão, como características a buscar na vida do cristão, para eles e para elas.

A irmã Ellen White, falando do dinheiro despendido em exagero, em artefactos nem sempre necessários, pessoais ou para os nossos lares, salienta: “*Não deveria o dinheiro assim despendido ter sido usado para beneficiar a humanidade, aliviar os sofredores, vestir os nus e alimentar os famintos? Não deveria ser colocado no tesouro do Senhor, para promover a Sua causa e edificar o Seu Reino na Terra?*” (Mensagens Escolhidas, vol. II, pág. 317)

Eis aqui, a razão por que a Igreja Adventista tem planos de Mordomia em todas as áreas, mesmo no uso de jóias, segundo o plano bíblico: prevenir a idolatria, contribuir para a edificação do Reino de Deus. ■

Sandra Ferreira
Pastora auxiliar da Igreja do Porto



H. M. S. Richards, Pioneiro da Voz da Profecia

ERNESTO FERREIRA

Nascido em 28 de Agosto de 1894, no Iowa, Estados Unidos, H. M. S. Richards pertencia a uma família de ministros do evangelho. Com efeito, seu pai, antes de aceitar a mensagem adventista, já era pastor metodista, assim como os seus antepassados em linha directa até ao tempo de Wesley, no século XVIII. Ele próprio foi ordenado para o ministério adventista em 1919 e todos os seus três filhos foram ministros ordenados. Desde 1930, dedicou-se inteiramente ao rádio-evangelismo, através do qual milhões de pessoas foram atingidas pelas suas mensagens e milhares aceitaram a Cristo e foram baptizadas na Igreja Adventista. Depois de um ministério extraordinariamente abençoado, veio a falecer a 14 de Abril de 1994, em Newbury Park, Califórnia.

Relacionamento de seu Pai com E. G. White

Num dos seus livros, conta Richards que quando seu pai era um jovem pastor em Denver, Colorado, num dia de Sábado, poucos minutos antes do culto, entrou a Irmã White com o seu filho Pastor Willie White. Ele não sabia que ela estava na cidade naquele dia, mas imediatamente lhe pediu para falar à congregação.

Ela, porém, perguntou:

“O irmão não planeava pregar hoje?”

“Sim”, disse ele.

“Não orou para que Deus lhe desse uma mensagem?”

“Sim, orei.”

“Deu-lhe Ele uma mensagem?”

“Sim, penso que deu.”

“O irmão estudou-a?”

“Sim.”

“Pois bem”, disse a irmã White, “eu não penso que deva tomar o seu lugar e falar quando Deus lhe deu uma mensagem. Estamos aqui para ouvir a mensagem. Positivamente, vá avante e pregue.”

Ela sentou-se na tribuna e fez com que ele pregasse. No fim do sermão, como boa mãe em Israel, disse-lhe: “O seu sermão ajudou-me espiritualmente; foi para mim uma bênção.”

Era assim a Irmã White!

O Início da Voz da Profecia

Depois de no ano anterior ter feito os primeiros ensaios de pregação pela rádio em estações locais sob a designação de “Tabernáculo do Ar”, em 1930, convencido de que o evangelho podia ser pregado pela rádio a milhões de ouvintes, Richards pensou em estabelecer uma emissão regular. Mas o problema era a falta de dinheiro

numa altura em que todo o país estava atravessando por uma tremenda crise de depressão financeira. A obra era, porém, de Deus e para Deus nada é impossível. Uma noite, no seu Tabernáculo evangelístico, Richards ousou sugerir que alguns dos ouvintes podiam ter jóias ou outros objectos de valor, ou dinheiro, que quisessem destinar a um fundo de rádio. A resposta foi maravilhosa. Naquela noite e nas noites subsequentes durante sete anos, o bolso esquerdo do seu casaco – o “bolso da rádio” – enchia-se com dádivas, entre as quais relógios de pulso, jóias, anéis e até alguns dentes de ouro e uma vez por outra um diamante, cuja venda, por um joalheiro de Los Angeles que no decurso desses sete anos recusou qualquer comissão pelo seu trabalho, financiou as emissões.

Novas Vitórias

No fim da primeira semana de emissões, tornou-se evidente a necessidade de uma secretária. Nesse momento, Betty Canon, uma estenógrafa de Hollywood, sentiu-se impressionada para oferecer os seus serviços gratuitamente um dia por semana. Em breve se tornou necessário um programa a tempo inteiro, e ela era paga no fim de cada dia com o dinheiro que fosse sendo recebido no correio diário. Para o efeito foi improvisado um escritório, depois de ligeiras obras de adaptação, numa capoeira que ficava no quintal do Pastor Richards.

Em 1936, as emissões foram melhoradas com a participação de um quarteto.

Em 1937, a União do Pacífico passou a patrocinar as emissões. O programa assumiu então o nome de “A Voz da Profecia” e o quarteto recebeu a designação de “Os Arautos do Rei”.

Grande Leitor da Bíblia e de Outros Livros

Numa entrevista concedida em 1982 à *Adventist Review*, o Pastor Richards revelou que lia o Novo Testamento cada mês do princípio ao fim e o Antigo Testamento umas três vezes por ano. Nessa altura, já tinha lido a Bíblia completa entre 150 e 200 vezes.

Durante a entrevista mencionou também que na sua biblioteca tinha aproximadamente 10 000 livros, entre os quais umas 200 traduções da Bíblia.

Ele lia muito. Em toda a parte o podíamos ver com um livro na mão. Apesar de tudo, era um leitor vagaroso. Como costumava dizer, “Sou um leitor vagaroso. Sou como um esquilo da Califórnia a roer uma sequoia. Eu tenho de roer, mas com persistência.”



Um Dentre Muitos Testemunhos

O testemunho dado por Carlos Moorhead, congressista dos Estados Unidos, em carta dirigida ao Pastor Richards por altura do seu último aniversário, exprime sem dúvida os sentimentos de muitos beneficiados pelo seu ministério: “A sua vida tem sido uma bênção de

grandiosa dimensão para grande número de pessoas. Talvez seja por isso que Deus achou apropriado torná-la tão longa. Estou-lhe grato por uma vida dedicada a partilhar a sua fé, sabedoria e amor. Aprecio a sua perseverante lealdade a Cristo e ao Seu ilimitado amor.” ■

A Guerra e a Paz

uma...

E

X P E R I Ê N C I A

com

D e u s

Era a guerra.

As populações fugiam do invasor que, à medida que avançava, destruía propriedades, incendiava culturas, matava os que lhe apareciam no caminho e tudo isto sem contemplações, nem com crianças, nem com mulheres, nem com idosos.

Era a guerra.

Perante o invasor estava agora uma cidade que se supunha difícil de ocupar. Pelo que um forte ataque de artilharia pesada, que destruiu a cidade quase por completo, precedeu a invasão. A população que escapou ao bombardeamento, aterrorizada, fugiu sem saber bem para onde. Interessava apenas fugir, escapar vivo daquele inferno, embora a morte, para a maior parte deles, também não estivesse muito longe. O medo, o pavor espelhava-se nos rostos dos fugitivos.

Era a guerra.

Quando o exército invadiu a cidade, percorreu rua por rua, quase casa a casa, em busca de bolsas de resistentes, ou de alguém que tivesse ficado para trás, a fim de se assegurar que nada viria a impedir o seu avanço.

O ódio, a brutalidade, a selvajaria de que o ser humano é capaz, espalhava-se através das ruas e casas da cidade.

Ai dos doentes que não puderam fugir! Ai dos idosos que não tiveram forças para se porem a salvo! Eram simplesmente abatidos sem sombra de piedade.

Era a guerra.

Nisto, um dos soldados invasores entra dentro do que restava de uma igreja. E, para sua surpresa, vê um sacerdote. Este não fugira. Estava ajoelhado em oração. Por quem oraria ele? Pelos que saíam, ou pelos que entravam?

Ameaçadoramente, o soldado aproximou-se e de arma em punho, apontada ao idoso homem, disse-lhe com voz aterradora:

— Tu aí! Estás diante de um homem que te pode matar sem pestanejar!

Era a guerra.

O sacerdote, levantando os olhos nos quais se via o amor, respondeu calmamente.

— Tu aí, meu filho! Estás diante de um homem que pode morrer sem pestanejar!

Era a paz.

Norman H. Young
Professor em Avondale, Austrália



O Ministério da Criança é o departamento mais novo na Igreja. Foi formado no dia 4 de Julho de 1995 durante a Sessão da Conferência Geral em Utrecht, Holanda. Cremos que esta acção enviou uma forte mensagem à Igreja Mundial – as crianças são uma parte importante da comunidade da Igreja. Em essência, estamos a repetir a mensagem que foi dada pelo próprio Jesus. Embora os discípulos tentassem evitar que as crianças O importunassem, Jesus mostrou que nada era mais importante para Si do que passar algum tempo com as crianças.

Este novo departamento tem como objectivo preparar os adultos para ajudar as crianças a desenvolver, durante toda a sua vida, um relacionamento redentor e amoroso com Deus e com a Igreja. Vejamos como isto se põe, realmente, em prática.

A Irmã Virginia Smith contou-nos a experiência numa igreja local perto da sede da Conferência Geral, que foi sensibilizada para a importância de fazer algo especial para as crianças. A comissão de nomeações escolheu um Director/Coordenador do Ministério da Criança para trabalhar com as monitoras das classes infantis e para apresentar as suas preocupações ao Conselho de Igreja. Como esta era uma posição nova, a Comissão de Nomeações sugeriu a seguinte lista de actividades para começar a envolver mais as crianças na vida da Igreja:

- * De três em três meses, fazer um Culto para crianças.
- * Ter, todas as semanas, algo especial para as crianças entre a Escola Sabatina e o Culto.
- * Pôr as crianças de mais de 7 anos de idade a ajudar os Diáconos.
- * Formar um Coro Infantil.
- * Uma vez por trimestre, ter as crianças a tomar parte da Escola Sabatina dos adultos, sem que isto tire o lugar do programa do 13.º Sábado.

Todos estes programas foram implementados com entusiasmo e os resultados foram óptimos. A Igreja está a pensar noutras maneiras de envolver as crianças.

A vossa Igreja local certamente terá uma lista diferente. As maneiras de fazer com que as crianças se sintam parte do que está a acontecer na Igreja só são limitadas pela vontade e criatividade dos adultos. Se lhe falta criatividade, pergunte às crianças o que é que elas querem fazer para ajudar. A lista delas é infundável.

Ao dar mais oportunidades de interacção com os adultos, às crianças, a Igreja estará a enriquecer a vida espiritual delas de várias maneiras:

- * A Igreja torna-se mais interessante e significativa para as crianças.
- * As suas capacidades aumentam, pois é pela prática que nos aperfeiçoamos.
- * Desenvolvem o hábito de ministrar aos outros.
- * A sua compreensão espiritual cresce mais rápida e eficientemente com a aprendizagem activa.
- * Ganham um sentido de inclusão que as liga à família de Deus.

A Inspiração revela-nos que as crianças terão, no futuro, um papel alargado na Evangelização: *“Nas cenas finais da História deste mundo, muitas crianças e jovens encherão de admiração o povo pelo seu testemunho em favor da verdade, o qual será dado de modo simples, no entanto com espírito e poder. ... Serão revestidos do Espírito Santo e farão na proclamação da verdade ao mundo uma obra que nessa ocasião não pode ser bem feita pelos membros mais idosos da Igreja.”* – Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, pág. 148.

Tenhamos em atenção que a nossa parte, como adultos, é ensiná-las a temer ao Senhor e a ajudá-las a estudar a Bíblia com cuidado e oração. ■

A Escada

Desce a escada usando as pistas que te são dadas. Dependendo da posição dos espaços, as palavras podem ser escritas na horizontal ou na vertical. Tenta preencher os espaços sem irer ver aos versículos indicados.



Pai de 12 filhos, incluindo José e Benjamim(Gén. 35:22-26)

Nome do Filho de Deus (Lucas 1:31)

Onde o Senhor Apareceu a Moisés (Êxodo 3:2)

O irmão de Moisés que foi Sumo-sacerdote (Êxodo 28:1)

Nome original de Abraão (Génesis 17:5)

Onde Paulo viu escrito "Ao Deus Desconhecido" (Actos 17:23)

O que se deve buscar primeiro (Mateus 6:33)

Os de Eliseu fizeram reviver um homem (II Reis 13:21)

Foi preso com Paulo (Actos 16:19)

Monte sobre o qual o Senhor desceu (Êxodos 19:20)

O filho de Abraão e Sara (Génesis 21:3)

David usou para louvar ao Senhor (Salmo 28:7)

Parte do machado que Eliseu fez nadar (II Reis 6:6)

Jesus curou a da sogra de Pedro (Marcos 1:30)

O pai de Aarão (Lucas 3:33)

Quando vem a alegria (Salmo 30:5)

SOLUÇÕES:

J A C O B

E S U

S A R Ç A

A R R Ã O

A B R Ã O

L T A

R E I N O

S O S

S I L A S

I N A

I S A A C

A N T

F E R R O

E B R

E S R O M

A N H Ã

A

Encantamento Moderno

Aconteceu num Domingo destes. Estava em casa tratando das limpezas, quando a nossa cadelinha resolveu dar um passeio por sua alta recreação e saiu de casa correndo pela rua.

Assim que dei pela sua falta, saí à sua procura. Andei durante cerca de 10 minutos, quase sempre a correr, até que finalmente a vi. Só que estava ainda a cerca de 20 metros à minha frente. Deu-se então início à perseguição na tentativa de a agarrar. Corri atrás dela através de vários quarteirões, mas finalmente a sua irracionalidade deu-me a possibilidade de a vencer nesse jogo, como que do gato e do rato. Suspirei de alívio quando a vi entrar para um quintal que tinha uma grade a toda a volta. E, de antemão vitoriosa, exclamei: "Agora é que eu te agarro".

Foi naquele momento que teve início para mim, uma visão da vida profundamente marcante. A cena seguinte mostrou-me, de forma clara, a condição actual do mundo.

Dentro daquele espaço onde o animal se metera, estavam dois membros da igreja conhecidos. E enquanto eu guardava o portão para evitar a fuga, pedi-lhes que me ajudassem a cercar a cadela. Fiquei surpreendida pela reacção "embriagada" desses meus irmãos na fé.

Estavam de tal maneira absortos diante de um programa de televisão sobre factos sensacionalistas habitual nas manhãs de Domingo, e a que eu tanta vez também tinha assistido, que me acenaram pedindo que esperasse e não fizesse barulho. Um deles ainda disse, sem desviar os olhos da televisão: "Podes entrar e apanha-a tu mesma..."

Fiquei parada alguns minutos junto ao portão, esperando que a cadelinha se cansasse. Também percebi, claramente, que não era por falta de vontade que eles não me vinham ajudar. Eram pessoas bem dispostas, simpáticas, prontas a ajudar os outros.

Mas a impressão que eu tive perante aquela cena, foi muito forte. Vi toda a força do encantamento que o Inimigo das almas tem produzi-

do nos nossos dias. E não pude deixar de me incluir entre os "ludibriados", quando me lembrei de quantas horas já tinha passado daquela mesma maneira.

Discussões intermináveis sobre a aparição de OVNI's e de ET's, sobre a vida após a morte, sobre a acção de animais desconhecidos que tiram a vida a outros, tudo isto tem vindo a dominar a atenção dos meios de comunicação de massas.

Quanta energia mental e tempo estão a ser consumidos com estes assuntos, que não passam de estratégias de Satanás para desviar o nosso pensamento da Redenção que se aproxima.

"Se possível, enganaria até os escolhidos..." alertou Jesus tendo em mente os empecilhos que seriam criados contra a nossa preparação nestes últimos dias da História.

Quanto tempo perdido em volta desses assuntos, em vez de do sacrifício de Jesus! As nossas conversas não devem girar em volta destes assuntos, que nos impedem de conversar sobre as coisas do Reino vindouro.

Fatalmente quando investimos na reflexão de factos misteriosos e sensacionais, deixamos de preparar o espírito para a apreciação de coisas celestes.

Quando o intervalo publicitário interrompeu a transmissão do programa, uma das pessoas veio ajudar-me a capturar o animal. Senti como se a corrente de "magia e encantamento" se tivesse quebrado e os telespectadores cristãos tivessem despertado outra vez para a vida.

Desde esse momento, tomei uma decisão: quando estiver inclinada a assistir a um desses programas, sairei da sala e buscarei a segurança na Palavra de Deus. ■

Cláudia Vitória de Freitas
Relações Públicas do Instituto Adventista de S.
Paulo (Brasil)

net 98

10

Outubro

a

14

Novembro

pelo

Pastor
Dwight
Nelson

no

“White Memorial”
Universidade de
Andrews, USA

através do

Intelsat k